

Uma noite de verão, diz o ator, estaria no centro da história.

Nem um sopro de vento. E já ali, imóvel frente à cidade de portas e janelas abertas, entre a noite vermelha do poente e a penumbra do jardim, o átrio do hotel des Roches.

No interior, mulheres com crianças, e falam da noite de verão, é tão raro, três ou quatro vezes nesta estação talvez, e mesmo assim, não é todos os anos, tem de se aproveitar antes da morte, porque não sabemos se Deus nos dará outras noites assim para viver.

No exterior, no terraço do hotel, os homens. Ouvem-se tão claramente como elas, as mulheres do átrio. Também falam dos verões passados nas praias do Norte. As vozes são em toda a parte igualmente leves e vazias a dizerem a beleza excepcional da noite de verão.

Entre as pessoas que olham para o espetáculo do átrio na estrada atrás do hotel, anda um homem. Atravessa o parque e aproxima-se de uma janela aberta.

É muito pouco tempo antes de ele atravessar a estrada, uns segundos, que ela, a mulher da história, chega ao átrio. Entrou pela porta que dá para o parque.

Quando o homem se aproxima da janela, ela já ali está, a poucos metros dele entre as outras mulheres.

Dali de onde se mantém, o homem mesmo que quisesse não lhe podia ver o rosto. Realmente ela está voltada para a porta do átrio que dá para a praia.

É jovem. Calça ténis brancos. Vê-se o corpo longo e flexível, a brancura da pele neste verão de sol, o cabelo preto. Não se lhe poderia ver o rosto a não ser em contraluz, de uma janela que desse para o mar. Veste *shorts* brancos. Em volta da cintura, uma *écharpe* de seda preta, amarrada com displicência. No cabelo, uma fita azul escura que deveria fazer pressentir azul nos olhos que não é possível ver.

Chamam de repente no hotel. Não se sabe quem.

Gritam um nome de uma sonoridade insólita, perturbante, feita de uma vogal soluçada e prolongada por um *a* do Oriente e pelo seu estremecimento entre as paredes vítreas de consoantes irrecognhecíveis, por exemplo um *t* ou um *l*.

A voz que grita é tão clara e tão alta que as pessoas param de falar e esperam como se fosse por uma explicação que não virá.

Pouco depois do grito, através dessa porta que a mulher olha, a dos andares do hotel, um estrangeiro, jovem, acaba de entrar no átrio. Um estrangeiro, jovem, de olhos azuis cabelo preto.

O estrangeiro vai ter com a mulher. É jovem como ela. É alto como ela, como ela está de branco. Para. Era ela que ele tinha perdido. A luz refletida do terraço torna os olhos dele assustadores por serem tão azuis. Quando se aproxima dela, percebe-se que está cheio da alegria de a ter encontrado, e do desespero de ter de a perder de novo. Tem a palidez dos amantes. O cabelo preto. Chora.

Não se sabe quem gritou essa palavra que ninguém conhecia a não ser por a suporem proveniente das trevas do hotel, dos corredores, dos quartos.

No parque, logo que o estrangeiro apareceu, o homem aproximou-se mais da janela do átrio, sem sequer dar por isso. Tem as mãos agarradas ao rebordo dessa janela, parecem privadas de vida, decompostas pelo esforço de olhar, pela emoção de ver.

Com um gesto, a mulher aponta ao estrangeiro a direção da praia, convida-o a segui-la, pega-lhe na mão, ele quase não resiste, desviam-se os dois da janela do átrio e afastam-se para o lado que ela apontou, em direção ao poente.

Saem, pela porta que dá para o mar.

O homem continua atrás da janela aberta. Espera. Fica ali muito tempo, até as pessoas partirem, até a noite chegar.

A seguir sai do parque passando pela praia, a cambalear como os bêbados, grita, chora como as pessoas desesperadas no cinema triste.

É um homem elegante, magro e alto. Apesar do desastre que vive neste momento ainda tem o olhar afogado na simplicidade das lágrimas e o aparato demasiado particular da roupa demasiado cara, demasiado bela.

A presença deste homem solitário na penumbra deste parque fez com que de repente a paisagem escurecesse e as vozes das mulheres do átrio diminuíssem de intensidade até à total extinção.

Tarde durante a noite que se segue a este crepúsculo, depois de a beleza do dia desaparecer com tanta violência como num revés do destino, encontram-se.

Quando ele entra naquele café perto do mar, ela já ali está com outras pessoas.

Ele não a reconhece. Só podia reconhecê-la se ela tivesse chegado ao café com o estrangeiro de olhos azuis cabelo preto. Essa sua ausência faz com que ela continue desconhecida para ele.

Ele senta-se a uma mesa. Ela nunca o viu, ainda mais do que ele nunca a viu a ela.

Ela olha-o. É inevitável. Está só, é belo e está cansado de estar só, tão só e tão belo como qualquer pessoa a morrer. E chora.

Para ela, ele é tão desconhecido como se não tivesse nascido.

Ela deixa as pessoas com quem está. Vai para a mesa desse que acaba de entrar e que chora. Senta-se em frente dele. Olha-o.

Ele não vê nada dela. Nem que as suas mãos estão inertes sobre a mesa. Nem o sorriso desfeito. Nem que ela treme. Que tem frio.

Ela ainda nunca o viu nas ruas da cidade. Pergunta-lhe o que tem. Ele diz que não tem nada. Nada. Ela que não se preocupe. A doçura da voz que de repente rasga a alma e podia fazer pensar que.

Ele não consegue deixar de chorar.

Ela diz-lhe: Gostava de o impedir de chorar. Ela chora. Ele não quer realmente nada. Não a ouve.

Ela pergunta-lhe se ele vai morrer, se é isso que tem, vontade de morrer, ela talvez pudesse ajudá-lo. Queria que ele continuasse a falar. Ele diz que não, nada, ela que não preste atenção. Ela não pode fazer outra coisa, e fala-lhe.

— Está aí para não voltar para casa.

— É isso.

— Em casa, está só.

Sim, só. Ele tenta encontrar alguma coisa para dizer. Pergunta-lhe onde é que ela mora. Ela vive num hotel, fica numa dessas ruas que dão para a praia.

Ele não ouve. Não ouviu. Deixa de chorar. Diz que sente uma imensa tristeza porque perdeu o rasto de uma pessoa que queria voltar a ver. Acrescenta que é atreito a sofrer com frequência desse género de coisas, desses desgostos mortais. Diz-lhe: Fique comigo.

Ela fica. Ele sente-se um pouco embaraçado, parece, pelo silêncio. Pergunta-lhe, porque se acha obrigado a falar, se ela gosta de

ópera. Ela diz que não gosta muito de ópera mas da Callas sim, muito. Como seria possível não gostar? Ela fala tão lentamente como se tivesse perdido a memória. Diz que se tinha esquecido, mas também gosta de Verdi e de Monteverdi também. Já reparou, é desses que se gosta quando não se gosta muito de ópera — acrescenta ela — quando já não se gosta de nada.

Ele ouviu. Vai chorar outra vez. Os lábios tremem-lhe. Os nomes de Verdi e de Monteverdi que os fazem chorar aos dois.

Ela diz que também anda à noite pelos cafés quando as noites são tão compridas e tão quentes. Quando a cidade inteira está lá fora não se pode ficar num quarto. Porque ela também está só? Sim.

Ele chora. Interminavelmente. É bom chorar assim. Ele já não fala de nada. Não falam mais nem um nem outro.

Estão ali até o café fechar.

Ele está de frente para o mar, e ela, do outro lado da mesa, em frente dele. Durante duas horas olha-o sem o ver. De vez em quando recordam-se, sorriem um para o outro através das lágrimas. Depois esquecem novamente.

Ele pergunta-lhe se ela é prostituta. Ela não se admira, também não se ri. Diz:

— De certo modo, mas não levo dinheiro.

Ele também pensava que ela fazia parte do pessoal do café. Não.

Ela brinca com uma chave para não olhar para ele.

Diz: Sou atriz, com certeza conhece-me. Ele não pede desculpa por não a conhecer, não diz nada. É um homem que já não acredita em nada do que se diz. Deve pensar que ela está a descobrir isso.

O café tinha fechado. Eles tinham ido lá para fora. Ele tinha olhado o céu ao nível do mar. No horizonte, ainda havia vestígios do poente. Ele tinha falado do verão, dessa noite de uma doçura excepcional. Ela parecia não saber o que era. Tinha-lhe dito a ele: Vão fechar por nós estarmos a chorar.